

## A Antropização das paisagens alentejanas na Pré-história Recente e Proto-história: entre o selvagem e o antrópico

Inês RIBEIRO<sup>9</sup>  
António DINIZ<sup>10</sup>  
Leonor ROCHA<sup>11</sup>

### Resumo

A região Alentejo é a maior região do país balizada a Norte, pelo rio Tejo, a Sul pela região do Algarve, a Este por Espanha e, a Oeste, pelo oceano Atlântico. Trata-se assim de uma vasta área que atualmente apresenta diferentes concentrações de povoamento e, em termos geomorfológicos, bastante diversificada.

Este espaço natural foi, entre o 5º e o 1º milénio a.C., vivido e percecionado de diferentes formas por estas populações antigas que, em função dos seus próprios condicionalismos e/ou preferências sociais, o ocuparam de forma distinta, privilegiando em algumas fases planimetrias mais baixas, noutras, as mais elevadas. Neste trabalho procuramos compreender e cartografar esta dinâmica evolutiva e a sua relação, entre o antrópico e o natural, tentando percecionar espaços preferenciais em função das cronologias.

**Palavras-chave:** Alentejo; Povoamento; Natureza; Pré-história Recente; Proto-história

### Abstract

The Alentejo region is the largest region of the country bordered to the north by the river Tagus, to the south by the Algarve region, to the east by Spain and to the west by the Atlantic Ocean. It is therefore a vast area which currently presents different concentrations of population and, in geomorphologic terms, quite diversified.

This natural space was, between the 5th and 1st millennium BC, lived and perceived in different ways by these ancient populations who, depending on their own constraints and/or social preferences, occupied it in different ways, favouring, in some phases,

---

<sup>9</sup> Mestranda de Arqueologia /Universidade de Évora

<sup>10</sup> Mestrando de Arqueologia /Universidade de Évora

<sup>11</sup> Docente Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigadora CEAACP/ UALg - UIBD/ ARQ/ 0281/ 2020 – FCT. Orcid: 0000-0003-0555-0960

lower plateaus and, in others, higher ones. In this work we try to understand and to map this evolutionary dynamic and its relation between the anthropic and the natural, trying to perceive preferential spaces according to chronologies.

**Keywords:** Alentejo; Towns; Nature; Recent Prehistory; Protohistory

## I. Introdução

A investigação arqueológica especificamente dedicada ao povoamento, entre o 5º e o 1º milénio a.C., no Alentejo, pouco tem evoluído nas últimas décadas devido, sobretudo à escassa representatividade de, por um lado, número de sítios intervencionados e, por outro, dentro destes, as áreas escavadas (m<sup>2</sup>). No entanto, a análise global dos dados conhecidos com base nas realidades e avaliações obtidas em prospeções, permite-nos, sem dúvida, perceber que, razões de ordem natural, paisagística ou de recursos, este espaço foi vivido e percecionado de diferentes formas por estas populações antigas que, em função dos seus próprios condicionalismos e/ou preferências sociais, o ocuparam de forma distinta, privilegiando em algumas fases planimetrias mais baixas, noutras, as mais elevadas.

Neste trabalho procuramos compreender e cartografar esta dinâmica evolutiva, tentando percecionar espaços preferenciais, em função das cronologias. Mas, na verdade, quando tentamos analisar dados a uma escala macro, temos os problemas associados às micro-escalas, ou seja, **“o diabo está nos detalhes”** pois, como referimos, em termos percentuais temos poucos sítios com dados estratigráficos, seguros e, os que foram superficialmente identificados e catalogados, que constam na base de dados nacional (Endovélico/ Portal do Arqueólogo) apresentam inúmeros problemas devido às variáveis existentes em torno sobretudo das categorias **Tipo** e **Cronologia**.

Assim, neste estudo, tivemos de considerar que dentro do grupo que genericamente abrangesse locais de permanência de um grupo, se incluía o que estava classificado como povoados, núcleos de povoamento, *habitats*, abrigos, casais, *villae* e *viccus* - estes últimos, apesar da sua cronologia se enquadrar já no período romano, quando analisados, revelaram vestígios enquadráveis à nossa época de estudo.

## II. O povoamento na Pré-história Recente



Figura 1. Mapa 1: Definição da área de estudo

O povoamento enquadrado entre o Neolítico e Calcolítico é, na região considerada, bastante díspar. Efetivamente, a única linha que parece ser tendencialmente sempre comum é a proximidade à água, enquanto que, a planimetria parece ser a mais variável ao longo deste período que se inicia com sítios sem qualquer defensabilidade natural ou artificial e termina na situação oposta.

Temos, assim, entre o 5º e o 3º milénio a.C. uma grande diversidade de formas de povoamento no Alentejo, que vão desde, i) povoados abertos, sem defensabilidade natural, como é o caso da Barroca e Chaminé, em Mora, (Alvim, 2012; Calado, 2012), do Patalim e a Valada do Mato, em Évora (Diniz, 2003, 2007) ou de Vale Pinvel I, Samouqueira, em Sines (Silva e Soareas, 1977, 1981); ii) aos localizados em áreas abertas e aplanadas, mas com estruturas defensivas, como é o caso de Monte Novo dos Albardeiros, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves e Sousa, 2003); iii) aos povoados situados em locais com excelente defensabilidade natural, por vezes em curvas de rios, a que se adicionam estruturas defensivas artificiais (muralhas, torreões), como o Castelo de Pavia, em Mora (Rocha, 2001) ou o Castelo Velho, no Alandroal (Calado, 1993); iv) e, os recintos de fossos, como Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo (Valera e

Filipe, 2004), Águas Frias e Juromenha 1, no Alandroal (Calado, 2002: Calado *et al*, 2007).

Para uma melhor caracterização destes diferentes padrões de assentamento, procurou-se observar a implantação dos povoados/habitats abertos a nível da geologia, da qualidade de solos e do relevo.

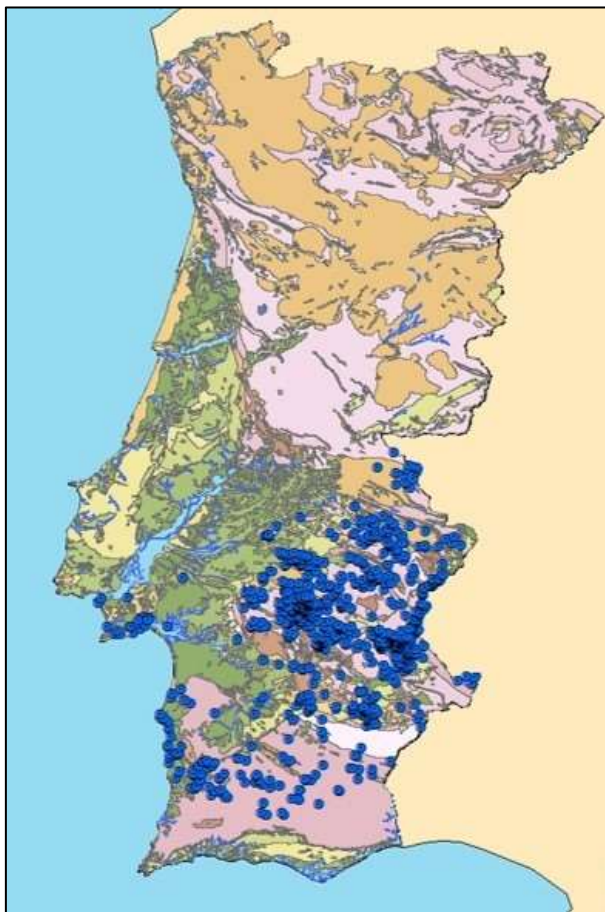


Figura 2. Relação povoamento aberto/ geologia

Em termos geológicos, todos os tipos de povoados se implantam essencialmente em zonas de rochas duras, como xistos e granitos, excluindo os que se encontram nas zonas sedimentares, correspondentes às Bacias do Tejo e Sado (a verde na fig.2).

Em relação à qualidade dos solos, a situação revela-se semelhante, sobretudo, na escala de análise apresentada, continuando óbvio a exclusão de sítios nas áreas das Bacias Hidrográficas (ver fig.3) e uma grande representação no Alentejo Central e Norte.

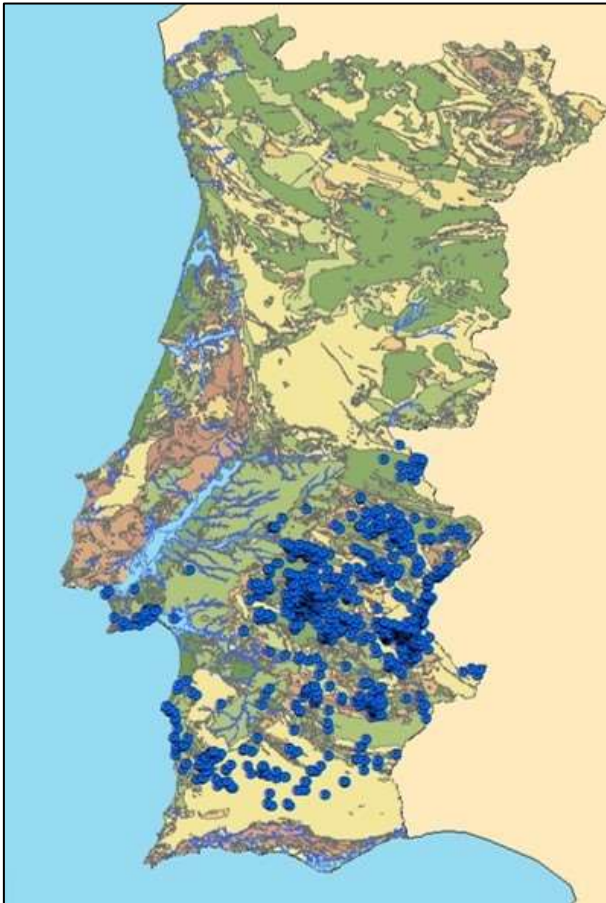


Figura 3. Relação povoamento aberto/ solos

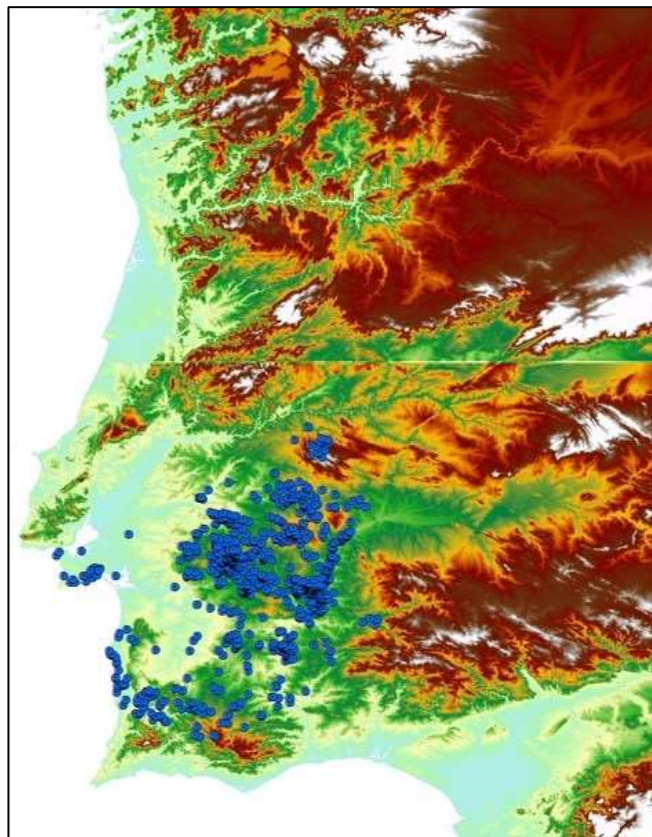


Figura 4. Relação povoamento aberto/ relevo

No que diz respeito aos sítios fortificados/amuralhados, de arquiteturas positivas ou qualquer outra terminologia que se queira empregar, consideram-se neste trabalho todos os sítios que incorporam estruturas de funções defensivas ou de vigilância. À partida é possível notar um claro decréscimo da sua presença, comparativamente com os povoados abertos/*habitats* (ver fig.5), mas revelando um sistema de implantação bastante semelhante, também em cotas mais baixas e associados a linhas de água, localizados nas áreas de rochas mais duras.

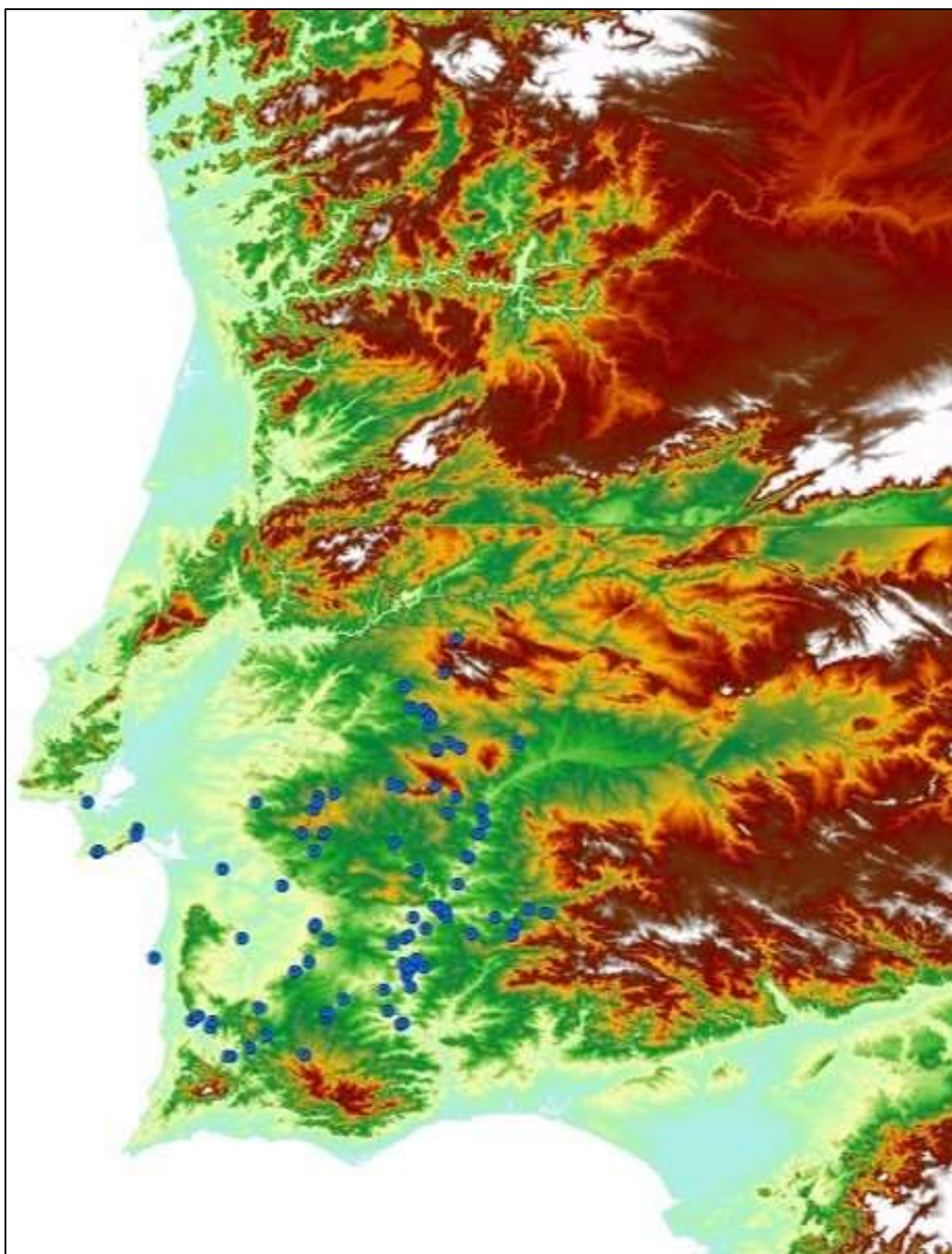


Figura 5. Relação povoamento amuralhado/ relevo

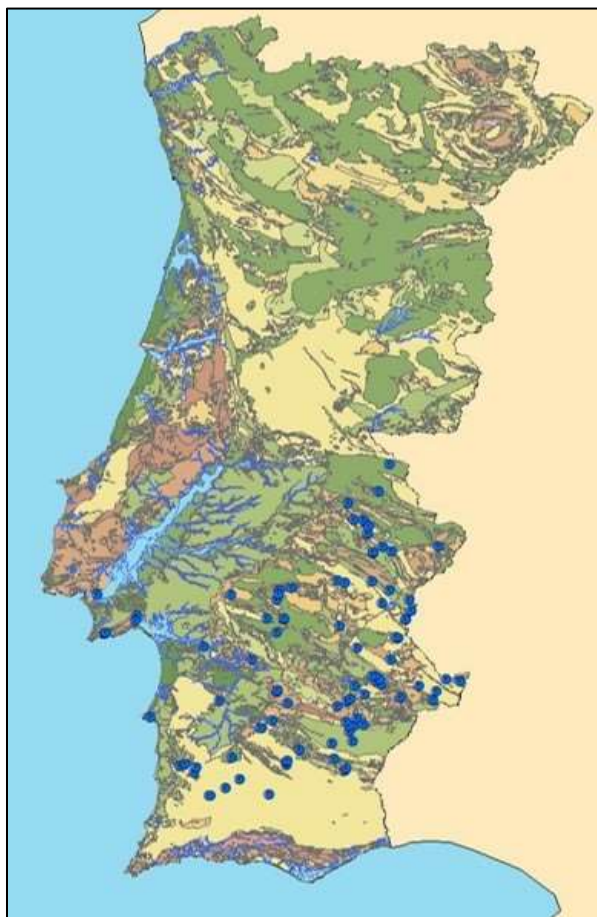


Figura 6. Relação povoamento amuralhado/ solos

Em relação à qualidade de solos, verifica-se uma clara preferência pela proximidade a solos com maior aptidão agrícola (ver fig.6).

Por último, dentro deste período temos a considerar ainda os recintos de fossos. Independentemente das diferentes funções que se pretendem atribuir a estes sítios, três factos são, no atual estado dos nossos conhecimentos, inquestionáveis: 1) as datações existentes já nos permitem perceber que estes coexistem no mesmo espaço que os povoados abertos/ fortificados/ amuralhados; 2) apresentam um conjunto artefactual similar – um fundo comum; 3) o seu número, cada vez mais elevado e a contiguidade entre alguns, já não nos pode continuar a manter a ideia que eram locais apenas de culto.

Assim, quando analisados em termos gerais, verificamos que se localizam em cotas tendencialmente mais baixas, com boa visibilidade sobre a área envolvente, abertos, em torno de linhas de água (ver fig.7) e nas proximidades de solos com boa aptidão agrícola (ver fig.8).

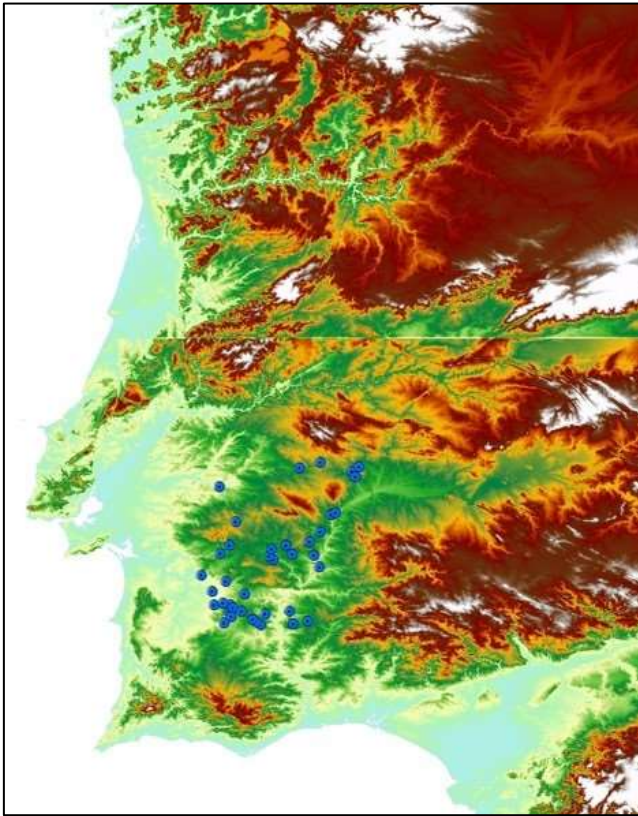


Figura 7. Relação recintos/ relevo

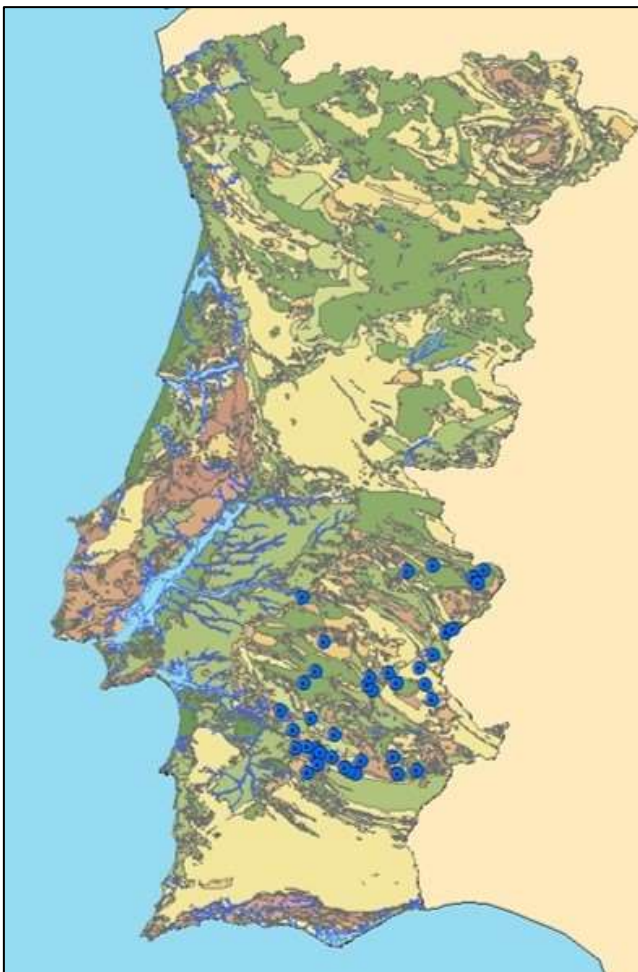


Figura 8. Relação recintos/ solos



A grande diferença entre sítios com arquiteturas positivas (amuralhados) e arquiteturas negativas (fossos) é, sem dúvida, a nível da geologia pois, naturalmente, nem todos os substratos geológicos eram susceptíveis de serem escavados com a tecnologia existente. Existem condicionantes geológicas, regionais, que não permitem que se encontrem recintos de fossos em todo o Alentejo, por mais que alguns autores se queiram afastar desse determinismo ou linha de pensamento.

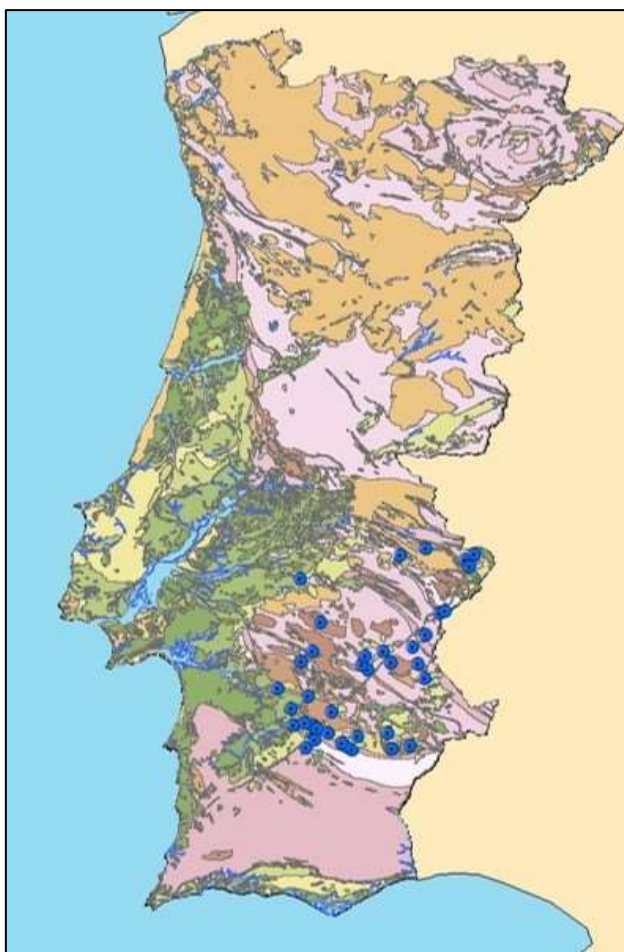


Figura 9. Relação recintos/ geologia

Recintos de fossos, quando analisados sob o ponto de vista geológico, encontram-se em áreas onde existem rochas mais brandas (ver fig.9) , como é o caso de gabrodioritos, tendo como exemplo o Complexo Arqueológico dos Perdígões (Valera, 2018), ou de xistos brandos e margas, presentes nos recintos identificados no distrito de Beja.

É notório assim distintas estratégias de implementação que procuram responder às mesmas necessidades: a facilidade de acesso à água e solos com boa aptidão agrícola. Contudo, e apesar destas semelhanças existe um longo caminho a percorrer, nomeadamente a compreensão do que motiva estas diferenças estruturais no modo de

vida destas populações? Quem são efetivamente estas pessoas que habitaram o Alentejo entre o V e o III milénio a.C.? Têm todas as mesmas origens? O que justifica esta dualidade de formas de implantação?

Mas, como veremos, estes problemas não são específicos da Pré-história Recente uma vez que, continuam a ocorrer, de forma igual ou até superior, nos locais identificados com ocupações da Proto-história.

### III. O povoamento da Proto-história

No que à proto-história (II e I milénio a.C.) diz respeito, tratamos de uma baliza cronológica que se constitui como uma verdadeira manta de retalhos, repleta de diferentes culturas, gentes e influências, cada qual aparentemente com formas distintas de ocupar e gerir o território de modo a aproveitar todos os recursos.

Comprovamos através dos dados e da dispersão dos sítios arqueológicos (ver fig.10) que a ocupação do território e da paisagem durante a proto-história foi bastante díspar, incluindo distintos tipos de povoamento, onde assistimos a um constante subir e descer do povoamento em relação ao relevo.

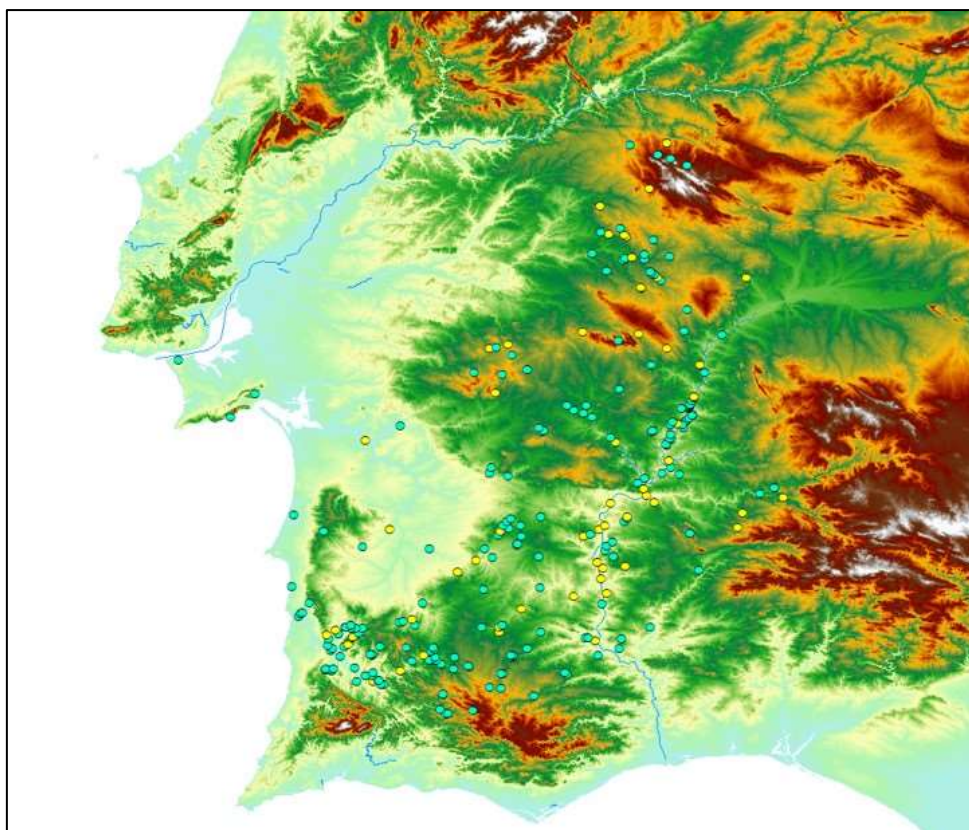


Figura 10. Relação povoamento/relevo (amarelo: fortificados; azul: povoados)

Mais uma vez registamos, para esta fase, os problemas de análise já referidos para o período antecedente. Efetivamente, em termos de bases de dados nacional (Endovélico/ Portal do Arqueólogo) é muito difícil tratar a informação devido, por um lado à escassez (e ambiguidade) de informação registada e, por outro, à multiplicidade de categorias que foram criadas em relação à tipologia e cronologia. Assim, para este trabalho, acabámos por reunir em:

- para o **Tipo**: Povoados Fortificados e Povoados (nesta engloba-se todos os tipos existentes);
- para a **Cronologia**: face à ambiguidade existente nas classificações, consideraram-se todos os sítios com cronologias dentro da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Em relação à Idade do Bronze registamos um misto entre povoados em altura e povoados abertos, com pouca defensibilidade natural. Estes últimos, com base nos escassos sítios intervencionados deste período, apresentam estruturas semi-retangulares ou retangulares, feitas de pedra, madeira e barro, lajeadas a pedra, como é possível de observar na área de Sines, nos povoados do Pessegueiro ou o da Quitéria, em Sines (Soares e Silva, 2016). Em termos gerais, os dados de superfície apontam para a existência destes dois tipos de sítios em toda área considerada (AAVV, 2014; Calado, 1993, 2002; Calado *et al*, 2007; Calado *et al* 2012; Calado e Mataloto, 2001; Calado e Rocha, 1996/1997; Carneiro, 2005; Costa e Liberato, 2007; Marques *et al*, 2013; Melro e Albergaria, 2013; Oliveira *et al*, 2007; Porfírio, 2014; Rocha, 2016; Rocha *et al*, 2013; Rodrigues, 1975; Serra e Porfírio, 2020).

Este tipo de povoamento, mais aberto, menos resguardado, é caracterizado por estruturas habitacionais, sem ou com linhas defensivas muito reduzidas, resumindo-se a cabanas retangulares. Destas construções restam apenas alguns indícios ténues da sua existência, devido ao facto de, por um lado poderem estar muito degradadas pela erosão natural ou bioturbações e, por outro, pela própria natureza dos materiais de construção utilizados. Efetivamente, tratando-se de cabanas feitas em materiais perecíveis, sobrevivem somente os indícios, como buracos de postes, pequenos pisos lajeados, ocasionalmente lareiras e alguns muros e muretes em blocos de pedra (que seriam também eles revestidos) e as paredes de argilas, barros e taipas. Muitos destes sítios também revelam quase uma sobreposição, uma coincidência com as necrópoles, coexistindo o mundo dos vivos com o dos mortos. De salientar ainda que este

povoamento, tendo em consideração o seu carácter mais perecível e menos impressionante na paisagem, torna-se mais difícil de identificar.

Em contraste, o povoamento em altura manifesta-se, dispersamente, um pouco por todo o Alentejo, aproveitando elevações, como é o caso, dos povoados fortificados de Évora Monte, em Estremoz, São Gens, no Redondo, Castelo Velho, em Terena, o Castelo do Giraldo, em Évora, Outeiro do Circo, em Beja, Pedras da Careira, em Monforte, entre outros sítios (cf. bibliografia).

Esta diferença no tipo de povoamento pode estar relacionada com a existência de conflitos na Idade do Bronze, levando as populações a abandonarem as planícies e os vales, para se resguardarem em zonas menos férteis, em altura (colinas, cerros, planaltos ou cristas mais elevadas), com boa visibilidade a área envolvente. Este modelo é bem evidente nos povoados com linhas defensivas, deste período. Contudo, também aqui, se podem evidenciar algumas diferenças que podem ser oportunísticas ou, pelo contrário, serem o resultado de uma opção assumida por estas populações que pode também estar ligada à exploração de recursos mineiros:

- 1) Alguns sítios aproveitam características naturais de defensibilidade como o relevo, a geomorfologia do terreno ou o uso de linhas de água. Exemplos destes tipos encontram-se, por exemplo, no Castelo do Giraldo (Évora) e no Castelo Velho (Terena).
- 2) Outros recorrem à construção de povoados fortificados em cristas e morros isolados nas planícies, com a possibilidade de controlar o território até onde a vista alcança, como é o caso de Outeiro do Circo (Beja), S. Gens Borba) ou Evoramonte (Estremoz).

**Com o fim da Idade do Bronze e o começo da metalurgia puramente “férica”,** assistimos a um novo conjunto de tendências do ponto de vista ocupacional do território. Deparamo-nos com um grande elenco de influências exógenas ao nosso território, quer na I Idade do Ferro, com influências mais orientalizantes, quer mais tarde, na II Idade do Ferro, com uma onda de chegada de novos povos.

É clara uma inicial descida parcial dos montes e povoados fortificados em altura, mesmo que não generalizado, na I Idade do Ferro. Por um lado, temos entrepostos comerciais de comunidades de matriz orientalizante a estabelecerem-se nas áreas envolventes de três principais linhas de água – o Tejo, o Sado e o Guadiana – levando as materialidades destes povos às regiões mais interiores, como é o caso do conjunto

de Neves Corvo, ou influenciando a cultura dos povos locais, como no caso de Alcácer do Sal (Arruda, 2001). O caso particular de Alcácer do Sal demonstra a troca de influências entre as comunidades locais e os fenícios, que se implantam numa área cercana com a feitoria de Abdul.

**Esta relação entre povos vai toldar a forma como se vive na “cidade” e a própria cultura,** trazendo novas divindades inclusive de matriz orientalizante. No caso de Neves Corvo, a materialidade do conjunto de sítios sugere essa mesma troca de culturas, mantendo-se um fundo autóctone – como as figuras zoomorfas - mas inserindo peças como os escaravinhos, provenientes do outro lado do Mediterrâneo. Em termos de estruturas tratar-se-iam de cabanas em pedra, completadas por taipa, em formato retangular. Este tipo de povoamento ou habitat é evidente, mais uma vez, no complexo pertencente a Ourique, nos sítios de Neves II, Corvo I e Fernão Vaz (Arruda, 2001, ) ou no conjunto de sítios intervencionados no âmbito do projeto do Alqueva (AAVV, 2014; Calado, 2002; Calado *et al*, 2007; Marques *et al*, 2013; Melro e Albergaria, 2013)

Com a II Idade do Ferro, voltamos a assistir uma ascensão das comunidades às zonas mais altas, bem como à chegada de uma nova vaga de povos. Novamente, são movimentos não generalizados. Em alguns casos, há uma reocupação de povoados localizados em sítios estratégicos, abandonados, de outros períodos anteriores – como do Calcolítico ou da Idade do Bronze – reaproveitando -se muros e muretes e reforçando-se as muralhas, que perduraram no tempo. Dentro destes, temos, por exemplo, o Castro de Chibanes (Palmela), o Castelo Velho (Terena) ou o Cabeço de Vaiamonte (Monforte), todos localizados em topos, com boa visibilidade do território, onde o primeiro assume um ponto de controlo do Rio Tejo, o segundo sobre a ribeira do Lucefecit e, o terceiro, as planícies alentejanas, num cerro isolado. No caso de Chibanes, há uma clara necessidade de fortificar o morro, apresentando uma linha de muralhas, reforçadas com duas torres circulares, com estruturas habitacionais de planta retangular ou quadrangular adjacentes. (Calado, 1993; Silva e Soares, 2014)

#### **IV. Em suma...**

No estado actual dos nossos conhecimentos, baseado em dados resultantes de escavações (ainda que muitas sejam parciais), novas técnicas e metodologias de análise, permitiu-nos perceber que as teorias tradicionais apresentavam análises demasiado simplistas da realidade uma vez que, na verdade, existe uma grande diversidade de

estratégias de povoamento e de soluções arquitetónicas presentes nos sítios entre o V e o II milénio a.C. as quais, apesar dos avanços já obtidos nas últimas duas décadas, ainda não permitem compreender cabalmente.

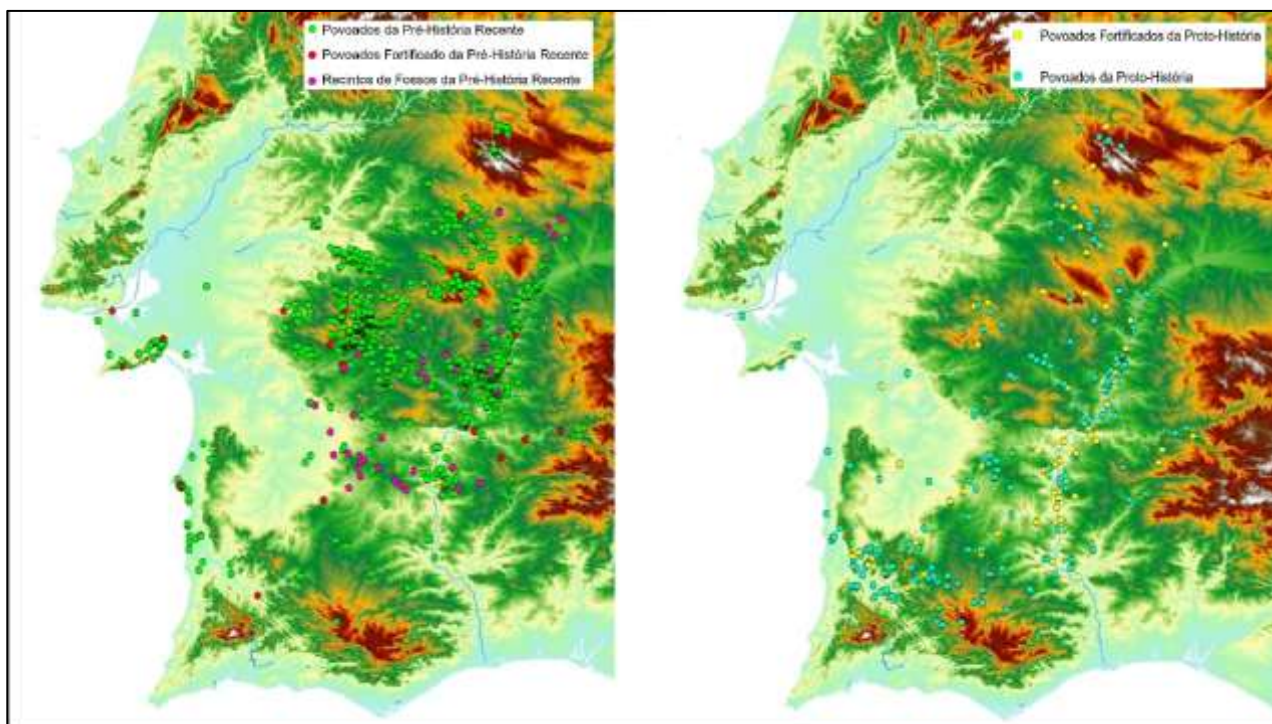


Figura 11. Relação povoamento Pré-história Recente/ Proto-história em termos de relevo

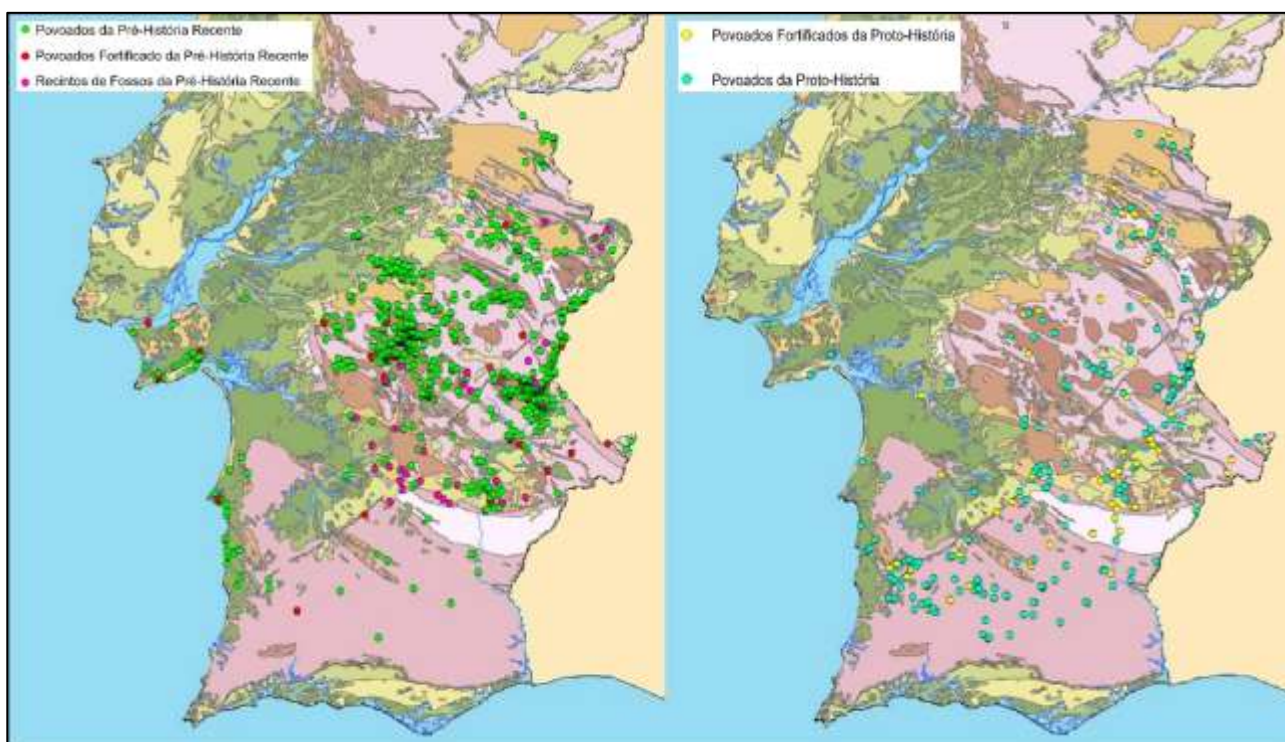


Figura 12. Relação povoamento Pré-história Recente/ Proto-história em termos de geologia

A análise comparativa dos mapas de povoamento, permitem-nos visualizar algumas diferenças, quer elas sejam efetivamente reais, ou sejam apenas fruto do estado da investigação, nesta data, mas:

- 1) A primeira, é que (continua) a existir uma clara retração do povoamento, neste território, entre a Pré-história Recente e a Proto-História (fig.11);
- 2) Dentro da Pré-história Recente, temos os recintos de fossos a aparecer um pouco dispersos por toda a área, mas com nítidas concentrações em função do substrato geológico (fig.12);
- 3) Esta situação é similar no que concerne ao povoamento Proto-histórico que apresenta maior concentração a Sul, em área anteriormente pouco ocupadas (fig.12);
- 4) Para todo o período considerado é também evidente que existe uma nítida preferência pelas margens do rio Guadiana e, em sentido inverso, um vazio nas áreas que correspondem aos terrenos do terciário (areias) (fig.12);
- 5) Por último, a questão da exploração dos recursos naturais que, em termos de Proto-história se evidencia com a concentração do povoamento em torno das áreas mineiras, mais a sul (fig.12).

Esta nova avaliação só foi possível devido ao aparecimento da obrigatoriedade de realização de estudos de Avaliação de Impacte Ambiental (AIA) que na região em análise, mais especificamente nos distritos de Beja e de Évora, se tem traduzido em centenas de trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva, de construção de novas redes viárias, da remodelação das práticas agrícolas mais tradicionais (com introdução de culturas extensivas de oliveiras e amendoeiras) os quais permitiram identificar uma grande multiplicidade de estratégias e de estruturas associadas a estas populações.

Mas, a par disto, existe ainda um longo a caminho a percorrer no que diz respeito ao acesso à informação, quer seja através de publicações, relatórios ou à informação inserida no Portal do Arqueólogo. Com isto realçar, alguns dos desafios que ocorreram para a elaboração deste pequeno estudo:

- i) Como referimos, o Portal do Arqueólogo, que foi a ferramenta base deste trabalho, apresentou inúmeros problemas, nomeadamente na localização e na própria caracterização dos sítios – o que levanta dúvidas quanto à tipologia e cronologia;

- ii) A forma como os dados existentes foram recolhidos, se através de escavações ou prospeções, nem sempre é explícita;
- iii) No caso dos sítios intervencionados, a informação sobre a percentagem de área escavada em relação ao total e a localização dentro sítio é, também, muito escassa;
- iv) Acesso à informação. Neste caso, apesar de existir a obrigatoriedade de entrega dos Relatórios Técnico-científicos à tutela, estes não se encontram disponíveis on-line pelo que a acessibilidade aos dados fica restrita a um conjunto restrito de pessoas que podem deslocar-se aos Arquivos da DGPC, em Lisboa.
- v) **Por último... as publicações.** Não obstante o elevado número de sítios intervencionados, temos muito pouco retorno social dos seus resultados, ou por nunca terem sido publicados ou por se encontrarem em locais (revistas, livros) de difícil acesso/localização. Acresce ainda o conteúdo, ou seja, a informação que é efetivamente publicada. Muitas vezes, são estudos parcelares, sobre determinado tipo de realidades, quer sejam estruturas, quer sejam espólios, ficando de fora os elementos mais comuns (p.e. das cerâmicas), que nos permitiriam realizar comparações entre os diferentes tipos de sítios analisados neste trabalho.

## Bibliografia

- AAVV (2014) - *4.º Colóquio de arqueologia do Alqueva : o plano de rega (2002 - 2010)*. Beja : EDIA/DRCALEN.
- ALVIM, P. (2012) – Chaminé: o povoamento neolítico na curva do rio. M. Calado, L. Rocha e P. Alvim (coord). In *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, p. 112-113.
- ARRUDA, A. M. (2001) - A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*.4, n.2. Lisboa, p.207-291.
- CALADO, M. (1993) – *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.
- CALADO, M. (2002) – Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. Blocos 2 e 8. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 2, p. 122-127.
- CALADO, M. (2012) – Barroca: Neolítico e/ou Mesolítico. M. Calado, L. Rocha e P. Alvim (coord). In *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, p. 110-111.



- CALADO, M. (2017) – No caminho das Pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora). *Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. SOUSA, A.C; CARVALHO, A; VIEGAS, C. (eds). Estudos & Memórias. 9. Lisboa, p. 91-101.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) – *Carta Arqueológica do Concelho do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal de Redondo.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A. (2007) – Povoamento proto-histórico na margem direita do Regolfo de Alqueva (Alentejo – Portugal). *Arqueologia de la tierra. Paisajes rurales de la Protohistoria Peninsular*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 129-179.
- CALADO, M; ROCHA, L. (1997) – Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. 1. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, p. 99-130. [ISSN 0873-9277].
- CALADO, M; ROCHA, L. (1996-1997) – Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora: CME, p.35-55.
- CALADO, M; ROCHA, L. (2007) – As primeiras sociedades campesinas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. *Memórias*. 6. Junta da Extremadura/ Consejería de Cultura y Turismo: Museo de Cáceres, p.29-46.
- CALADO, M; ROCHA, L; ALVIM, P. (2012) - *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- CARNEIRO, A. (2005) - *Carta arqueológica do concelho de Fronteira*. Lisboa: Colibri.
- COSTA, T.; LIBERATO, M. (2007) - Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados. *Vipasca, Arqueologia e História*. 2, vol. 2, p. 632-642.
- DINIZ, M. (2003) - O Neolítico antigo do interior alentejano: leituras a partir do sítio da Valada do Mato (Évora). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo (dir. GONÇALVES, V. S.). Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 25, p. 57-80.
- DINIZ, M. (2007) – O Sítio de Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/ Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*.48. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- FABIÃO, C. (1996)- O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. 11. Lisboa: Edições Colibri, p. 35-84.
- GONÇALVES V.S; SOUSA, A.C. (2003) - Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In V. S. Gonçalves (Ed.). *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: Ministério da Cultura / Instituto Português de Arqueologia, p. 198-226.
- GONÇALVES V.S; SOUSA, A.C; MARCHAND, G. (2013) - Na margem do grande rio. Os últimos grupos de caçadores-recoletores e as primeiras sociedades camponesas no

- Guadiana Médio. *Memórias D´Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 12. Évora: EDIA/DRCALLEN.
- MARQUES, J. A; GÓMEZ MARTÍNEZ, S; GRILO, C; BATATA, C. (2013) – Povoamento rural no troço Médio do Guadiana entre o rio Degebe e a ribeira do Álamo (Idade do Ferro e Períodos Medieval e Moderno). Bloco 14 – Intervenções e Estudos no Alqueva. *Memórias D´Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 13. Évora: EDIA/DRCALLEN.
- MATALOTO, R. (2013) - Do Vale à Montanha, da Montanha ao Monte: a ocupação do final da Idade do Bronze no Alentejo Central. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p.221-272.
- MATALOTO, R. (2004) - Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7. 4. Lisboa: IPA, p. 139-173.
- MELRO, S; ALBERGARIA, J. (2013) - Ocupação proto-histórica na margem esquerda do Guadiana. *Memórias D´Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 7. Évora: EDIA/DRCALLEN.
- OLIVEIRA, J; PEREIRA, S; PARREIRA, J. (2007) - Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão. *Revista Ibn-Maruan*. 14.
- PEREIRA, T. R. (2013) - As armas na romanização: o exemplo de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal). *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, p. 1328-1360.
- PORFÍRIO, E. (2014) - O povoamento aberto no Bronze Pleno no Sudoeste. Algumas reflexões a partir do sítio de Torre Velha 3 (Serpa). in R. VILAÇA e M. SERRA, (coord) *Idade do Bronze do Sudoeste. Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 25-49.
- ROCHA, L. (2001) - Povoamento pré-histórico da área de Pavia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4. Lisboa: IPA, p.17-43.
- ROCHA, L. (2016) - As dinâmicas dos territórios no contexto da pré e proto-história do Alentejo (Portugal). *O Pelourinho. Boletín de Relaciones Transfronterizas*. 20 (2ª época). Badajoz: Diputación de Badajoz, p. 129-144.
- ROCHA, L. (2019) - Neolítico, datar para creer ... ¿Un problema a resolver o de imposible resolución? In Romero L. & Monchet K. (Eds.). *Arqueología, historia y medio ambiente. Visiones cruzadas*. Madrid: Dykinson, S.L., p. 55-76
- ROCHA, L; SANTOS, I; BRANCO, G. (2013) – *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.
- RODRIGUES, M.C. (1975) - *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: [s.n.].
- SERRA, M.; PORFÍRIO, E. (2020) - Dez anos do projeto Outeiro do Circo 2008-2018 (Beja, Portugal: Um imenso povoado fortificado da Idade do Bronze. *AlkalathemDOS*, p.40-49.

- SILVA, C. T. (1989) – Novos dados sobre o Neolítico antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 20, p. 24-32.
- SILVA, C. T.; FERREIRA, C. J.; LOURENÇO, F. S.; SOUSA, P. (1993) – *O património arqueológico de Setúbal: subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal: Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 2-3, p.179-272.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) – *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2014) - O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*. 15. Setúbal, p. 105-172.
- SOARES, J. (2013) – Transformações sociais durante o III milénio a.C. no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas. *Memórias D'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 5. Évora: EDIA/DRCALLEN.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (2016) - Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social. in A.C. SOUSA; A. CARVALHO e C. Viegas (ed) *Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 359-384.
- VALERA, A.C. (2013) – As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio a.C. Intervenções e Estudos no Alqueva. *Memórias D'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 6. Évora: EDIA/DRCALLEN.
- VALERA, A.C (ed) (2018) - *Os Perdígões Neolíticos: Génese e Desenvolvimento (De meados do 4º aos inícios do 3º milénio a..C.)*. 1. Lisboa: NIA/ Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA).
- VALERA, A. C.; FILIPE, I. (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). Novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era. Arqueologia*. 7. Lisboa, p. 23-32.